

Eduardo Brito Coisas Tão Diferentes Agora



CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura

## A Experiência Poética da Paisagem Urbana e Alguns Modos de a Representar

*João Rosmaninho*

### Da Poética

A frase-título acima colocada (livre e abusivamente importada e traduzida) não é invenção de quem ora escreve mas sim de Patrick Keiller, arquitecto e cineasta, autor de “The Poetic Experience of Townscape and Landscape, and Some Ways of Depicting It”. Escrito em 1982, o texto enuncia os motivos que definem a transformação de um corpo ou de um objecto arquitectónico em paisagem. Mais, lança a hipótese de que é o – eventual – enquadramento narrativo e de carácter fotográfico ou cinematográfico que forma e conforma as imagens instigando a sua observação e recepção espacial. Na série-exposição “Coisas tão Diferentes Agora” evoca-se e convoca-se – eventual – enquadramento, detentor de um alcance tão pessoal quanto universal. Situada entre os regimes factual e ficcional, mas livre de tais constrangimentos ainda assim, “Coisas tão Diferentes Agora” permite seguir o devir de uma cidade através das suas iconografias electivas e afectivas. Os ícones são outros, íntimos e históricos, como se o tal corpo e objecto determinassem, afinal, uma paisagem mental.

### Da Memória

“Há que voltar sempre”. A anterior frase-síntese (expressão menor de desígnio maior) também não é invenção do autor deste texto mas sim de Eduardo Brito, o fotógrafo das imagens contidas neste livro-caderno (e que deram origem à exposição no CAAA, Guimarães, entre os meses de Novembro de 2018 e Janeiro de 2019). Publicada em 2012, e não deixando de ser um manifesto, terá sido pensada e escrita como título de um texto para um livro-catálogo dedicado a um exercício de refotografia. Terá sido usada com a intenção de revelar uma dobragem da memória para, depois, relevar a sua tautologia. De resto, a obsessão de Eduardo Brito por este modo de ver e sentir não é recente. Entre os vários objectos de cinema e vídeo, instalações ou séries de fotografia, textos de ficção ou de ensaio, projectos de comissariado, parecem coincidir visões e versões vinculadas ao fenómeno do retorno. Basta citar títulos como “Reimaginar Guimarães” (programa da Capital Europeia da Cultura, Guimarães, 2011-2013),

“Rever a Cidade” (livro e exposição @ CAAA, Guimarães, 2012), “Passing Place” (exposição @ Galeria Miolo, Ponta Delgada, 2016), “Revisão” (livro e exposição @ Museu do Douro, Régua, 2017), ou “Histórias Sem Regresso” (livro e exposição @ Museu Júlio Dinis, Ovar, 2018) para capturar algumas das palavras e dos temas por si mais-queridos e exaustivamente tratados. Em “Coisas tão Diferentes Agora” é essa experiência poética do regresso que vem representada através da fotografia e texto, potenciada pelo dispositivo expositivo. Assim, e assumindo a vocação da espera (em verdade, no processo de revelação fotográfico, a paciência não é mero obstáculo mas sim ontologia), esta série de quarenta fotografias experimenta nada mais nada menos do que quarenta memórias formuladas num imaginário que poderá ou não ter acontecido ao longo de quarenta anos.

#### Da Penumbra

“Todos decidiram partir.” Esta frase, narrada melancolicamente por Ricardo Vaz Trindade na curta-metragem *Penúmbria* (Eduardo Brito, 2016), parece fazer emergir, em “Coisas tão Diferentes Agora”, uma cidade fantasma, abandonada pela população, tal como acontece no referido filme. Apesar disso, os sinais de presença permanecem enquanto nos é sugerida uma psicogeografia vimaranense, através de blocos de imagem e palavra, sem ordem de observação ou leitura; sem guião portanto. Em conjuntos e episódios fotobiográficos à superfície e cinematográficos em profundidade, as quarenta imagens carecem de legenda mas não de estabelecimento. Sobre a parede e sob cada fotografia, vem colocado um discurso, manuscrito a lápis e em maiúsculas, na forma de um poema de linha única, sem princípio nem fim. Suspeita-se então que a paisagem urbana, por cima das palavras, represente exteriores de uma cidade sem gente mas preñhe de vestígios; registada invariável e semanalmente durante o dia, aos domingos. Há roupa estendida em arames, bandeiras e tapetes em umbrais, sacos de lixo cirurgicamente dispostos no pavimento, painéis de publicidade a preencher gavetos, panos de parede rasurados com ‘tags’ e ‘stencils’, placas sinaléticas de trânsito solitárias, arbustos podados em volumetrias paralelepípedicas, recintos desportivos sem bola, viadutos inclinados e edifícios anónimos. Há indícios de passagem mas não se verifica movimento. Os automóveis e os motociclos estão aparcados, trancados, e as folhas caducas das árvores já caíram... antes.

Em “Coisas tão Diferentes Agora” reconhecem-se espaços urbanizados e humanizados pela ausência, como se fosse um lugar onde resiste a perenidade perante o percurso. Tudo o mais que existe é imagem de lembrança e estímulo. De tons frios ou quentes, a paisagem representada aponta tanto para a sombra quanto para a luz, debaixo de intenso nevoeiro ou de intensa claridade. Cada imagem constitui-se, derradeira, como parte de um elenco peripatético de ‘flirts’ e de ensaios, de cenas de namoro ou de pancada ou, mesmo, de futebol a escalas distintas (desde aquele praticado em tabuleiros de ‘subbuteo’ àquele orientado por Paulo Autuori). Tudo somado, se cada fotografia é apenas um instante e cada frase é um fragmento, cada um desses conjuntos representa, então, uma imagem incompleta de uma paisagem narrativa.

#### Do Imaginário

“Estas imagens representam deliberadamente paisagens que são parcial ou totalmente desprovidas de presença humana mas que, por causa dessa ausência, abrem espaço para o que poderia ou não acontecer. São lugares em que certos eventos podem ter acontecido.” Desta vez, de novo, a frase pertence a Patrick Keiller e talvez, deste modo, Eduardo Brito tenha procurado imaginar a cidade de Guimarães, desta vez, segundo um imaginário pessoal e, talvez, aos quarenta anos de idade. Imaginemos nós, agora, o futuro destas imagens.

Obrigado: Ricardo Areias, Maria Luís Neiva, Igor Gonçalves, Rogério Martins, Luís Costa, Pedro Bastos, João Rosmaninho, Mariana Pinto dos Santos, Rui Miguel Ribeiro, Rodrigo Areias, Francisco Brito, Blanca Martín-Calero, Ana Resende, Rossana Mendes Fonseca, Rita Medinas Faustino, Joana Cunha Leal, Carlos No, Helder Wasterlain e a todas as pessoas lembradas nestas histórias.

Em memória do meu amigo Pedro Mota Prego.

Coisas Tão Diferentes Agora, livro-caderno da exposição homónima de Eduardo Brito no CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura, em Novembro de 2018, foi composto e paginado pelo autor em caracteres Bembo, cabendo a impressão e acabamentos à Norprint, numa tiragem de 300 exemplares em Janeiro de 2019.

ISBN 978-989-98263-3-5

Depósito Legal  
450328/18

[www.centroaaa.org](http://www.centroaaa.org)  
[www.eduardobrito.pt](http://www.eduardobrito.pt)